

LITERATURA E SOCIEDADE: (DES)CONEXÕES CONTEMPORÂNEAS

Robson Coelho Tinoco
Universidade de Brasília

RESUMO: Este artigo se propõe a considerar a leitura-ensino de literatura sob a óptica de novos processos de conhecimento em um mundo de base inter-informacional. Para tanto, avalia o atual papel do professor de literatura - da área de Humanas - e sua inserção na sociedade como indivíduo consciente de suas atribuições, funções, limites. Integrado a esse processo, avalia, ainda, a eficácia do computador como ferramenta que pode ser usada em favor de uma leitura mais eficiente e crítica de textos literários - tanto canônicos quanto os ainda chamados marginais. Com foco analítico na distinção contemporânea desses textos (canônicos e não) - produzidos na América Latina, e no Brasil em especial - é importante entender que tais textos, visam a algo maior e de maior duração do que um simples engajamento social imediato. Nesse sentido, são reflexos de necessidades individuais e coletivas - características de cada país - e se compõem pela representação dialógica de informações de base ético-estética: pensadas e construídas a partir de necessidades individuais, são criadas como tipo de expressão socioartística de uma intenção coletiva. Deve-se entender, sobretudo, que tal leitura - positiva ou negativa - é melhor apreendida ao se considerarem conceitos como os de Mikhail Bakhtin. Para o autor, a óptica dialógica de uma construção literária se marca pela intersecção de circunstâncias históricas (locais, nacionais, regionais) em que é produzida -para Bakhtin, "a grande temporalidade" -, além do próprio conteúdo ficcional apresentado como artefato artístico construído.

Palavras-chave: sociedade; leitura; conscientização; processo

ABSTRACT: This paper intends to consider to I reading-teach of literature under the optical of new knowledge processes in a world of base inter-informational. For so much, it evaluates the literature teacher s current paper - of the area of Human - and her insert in the society as individual conscious of their attributions, functions, limits. Integrated into that process, it evaluates, still, the effectiveness of the computer as tool that can be used in favor of a more efficient reading and critic of literary texts - so much canonical as the still marginal calls. With analytical focus in the contemporary distinction of those texts (canonical and no) - produced in Latin America, and in Brazil especially - it is important to understand that such texts, according to Leyla Perrone-Moisés, they seek something larger and of larger duration than a simple immediate social engagement. In that sense, they are reflexes of individual and collective needs - characteristics of each country - and they are composed by the dialogical representation of information of base ethical-aesthetics: thought and built starting from individual needs, they are created as type of expression socioartistic of a collective intention Retaking the

mentioned distinction should understand each other, above all, that such reading - positive or negative - it is apprehended better to the if they consider concepts as the one of Mikhail Bakhtin. For the author, the dialogical optical of a literary construction it is marked by the intersection of historical circumstances (places, national, regional) in that it is produced -for Bakhtin, "the great temporality" ~ , besides the own content fictional presented as built artistic workmanship.

Keywords: society; reading; understanding; process

O que se publica atualmente como literatura não se identifica mais com os postulados modernos. Mas o abandono desse projeto talvez seja uma das conseqüências da ironia romântica levada ao extremo da dissolução de seu objeto, e da crítica voltada contra si mesma.

Leyla Perrone-Moisés, 1998.

Discursos e universidade: confusão instituída

Considerado por historiadores como o "mais curto dos séculos", pode-se dizer que o século XX inaugurou a idéia de uma sociedade renovada pelo exercício comunitário do *poder com imaginação* - portanto, trabalho e criatividade. Cinco séculos antes - naquela que seria a obra máxima da saga do povo português -, fez-se o pedido de Camões às tégides para que, com *engenho e arte* (portanto, trabalho e criatividade), seu canto honrasse o povo e o rei. Entre os séculos, constrói-se a ponte secular constituída pelo ato de LER - do latim *legere*, colher o fruto da semente lançada - o que está marcado-lançado na página - de *pagus*, campo a ser semeado.

Na verdade, o caso passional do homem com a leitura, entenda-se, com a informação, vem de muito antes: a partir dos **Vedas**, os textos mais antigos da Índia, surgiu a escola "Mimamsa", no século VII a.C,

valorizando as virtudes e a prática dos deveres morais. Mais ainda, desde 30 séculos antes de Cristo, toda uma tradição de leitura de textos sagrados e poéticos havia sido estruturada na Mesopotâmia e no Egito. Aliás, essas atividades de estudar e entender os textos não se exerciam apenas sobre pergaminhos e tabuinhas, mas também sobre uma infinidade de sintomas, signos e presságios, no céu estrelado, em peles, no conjunto das nuvens, nas entranhas dos animais, na fumaça das velas e fogueiras. Desde então, ou melhor, desde sempre, o mundo se oferece como um grande texto a ser decifrado, como sedenta Pitonisa do saber desconhecido: "Vem, decifra-me ou te devoro".

Mundo e Leitor; Leitura e Universidade. Esses elementos, desarticulados, impossibilitam práticas efetivas quanto às atividades diárias de ensino-aprendizagem de uma instituição universitária, tanto pública quanto privada. Desarticulados, descumprem a missão fundamental de facilitar o autoconhecimento de uma sociedade - seus valores, conceitos, regras. Dados como o de que a universidade pública é responsável por quase 92% da produção científica do país¹ coloca a universidade privada em uma condição de absoluta necessidade de revisão de metas e linhas de pesquisa, a fim de gerar aplicações práticas aos mais variados meios e atividades profissionais.

Enfim, resultam daquela desarticulação, por exemplo: uma profunda insatisfação com a linha atual de análises que se perdem, via de regra, e desde muitas décadas atrás, em considerações que não oferecem subsídios de compreensão e mesmo ampliação do

¹ Dessas universidades, há dois tipos: as federais e algumas estaduais, com indiscutível destaque às do Estado de São Paulo (UNICAMP, USP e UNESP), que, desse índice de 92%, são responsáveis por quase 73% de tudo que é produzido no país a título de pesquisa aplicada. Dados extraídos de recente dissertação defendida na PUC-SP.

sentido de comunicação das informações. Também, uma profunda insatisfação com a organização acadêmica, em seus mais variados níveis, voltada, rotineiramente, a um exercício institucional-pedagógico que mais e mais se afasta das reais necessidades da sociedade externa - grupos industriais, empresas, associações etc. - e de sua sociedade interna - professores, pessoal da administração, alunos. O que se percebe é a pressão de intelectuais propondo a importância de teses e pesquisas que, de fato, acabam oferecendo pouquíssima aplicabilidade aos grupos sociais que "circundam" as universidades, sobretudo os marginalizados.

O que importa, face tal "conjuntura desarticulada", é um trabalho que estabeleça visões de sociedade e mundo centradas na intenção filosófico-sociológica representada, na linha de Wittgenstein, por um conjunto de atividades², resultando na re-conscientização do próprio conceito de cidadania. Como elemento fundamental de investigação e desvendamento das necessidades sociais, a questão da leitura na universidade assume, nesse sentido, um papel que vai além de mera recepção passiva, em que alunos imaginam (e muitos deles ainda assim se relacionam com as obras lidas) que os produtores-escritores de textos são seres imaginários, a-históricos, inúteis, tirados do nada⁵.

Não há como separar o trabalho desenvolvido pela universidade e o tipo de leitura que é, via de regra,

desenvolvido nas escolas, em todos os níveis. Aliás, é porque houve essa dicotomia entre as atividades de 3º grau - voltadas preferencialmente a um tipo de pesquisa e aula distantes da realidade social em que a universidade está inserida - e as carências do ensino dos graus inferiores, que se produz um tipo de ensino meramente teórico. Esse ensino fica, entre desvãos burocráticos, preso a regras e leituras dispensáveis, gerando imensas dificuldades para os alunos que, formados, entram no mercado de trabalho sem as ferramentas necessárias e, de fato, úteis no dia a dia de uma atividade profissional.

Deve haver toda uma questão filosófica que sustente conceitualmente tais considerações, mas uma filosofia pragmática, de base sociológica, em que o indivíduo social perceba-se, também, como ser filosófico. Assim, questões como o egoísmo, nesse processo de conscientização, devem ser assumidas e combatidas tenazmente, tanto quanto deve se enfatizar que é no íntimo do homem que está a felicidade ou a infelicidade, como resultado direto de sua sensibilidade e pensamentos (SHOPENHAUER, s/d.). Para o filósofo alemão, o que *somos* é fator primordial para a nossa felicidade, mesmo nas mais particulares situações de "chorar" ou "amar", que ele coloca como dependentes. Para sucesso nesse *bom combate*, é fundamental assumir os três princípios básicos de todas as virtudes (THEAGES, 1987).

Conhecimento, poder e escolha

Outro conceito a ser reavaliado é o da não-violência, no seu sentido mais amplo, como exercício diário de humildade e sabedoria. A não-violência como representação sociológica da maneira de externar um determinado estado interior, no qual a mente não gera

² K. Marx propunha que a realidade determinava, condicionando de certa maneira, o pensamento; ao contrário de Hegel, por exemplo, que acreditava serem as estruturas do pensamento o fator determinante de manifestação da realidade.

³ Segundo W. Benjamim (1994), atuam no belo, simultaneamente, dois elementos: um eterno, imutável e um outro relativo, limitado. Avalia o autor que este último é condicionado pela época, pela moda, moral, pelas paixões, considerando que sem esse segundo elemento, o primeiro não poderia ser assimilado.

violência. Platão, para quem o conceito filosófico de "mente" representaria o que os religiosos chamam de alma, diz que a alma sábia (*psiche*), resultado de experiências fundadas na sabedoria e justiça, é boa. Articule-se a essa constatação a importância de uma efetiva questão ética como suporte de ações integradas e geradoras de bem-estar socioeducacional.

Se tudo se relaciona a tudo, enfim, tudo é uma questão de ter ou não a Ética como pilar principal de qualquer atividade que envolva, sobremaneira, atividades de informar as pessoas, formando-as de modo responsável, amistoso e eficaz. O educador, muito mais que profissional-professor, é um ser ético, por excelência, no sentido mesmo transcendente de ação social - conceito que segue análise em que o ético transcende à moral, pois o conjunto das normas morais são relativas (DUSSEL, 1996). Assim, há moralidade, por exemplo, hispânica, capitalista, nos costumes, e cada uma justifica a práxis⁴ de dominação como boa. A ética é uma e é absoluta, valendo em toda situação e para todas as épocas.

Ainda sob a óptica de um profissional integrado às necessidades de seu meio e momento sociais, talvez um professor-professor (que se contenta em somente ser assim: repetidor acrítico) seja um funcionário de instituições criadas para gerenciar lagoas e charcos. Só, como professor-professor, especializa-se em reprodução, tipo comum de mais uma peça num aparelho ideológico de Estado (ALVES, 1993). Um educador, ao contrário, funda mundos, media esperanças, pastoreia projetos, e não é típico das instituições gerarem aqueles que "tocarão as trombetas para que seus muros caiam" (ALVES, op. cit., p. 78). Nos últimos séculos, a ética - ou parte da filosofia que lida com ações humanas - sacudiu a antiga tutela

religiosa, negando que haja certos atos bons ou maus em si. Assim, afirma o homem como ser livre, ou seja, criador de seu mundo (RIBEIRO, 1993). Nesse sentido, antes da análise do que seja errado, na visão burocrata-ideológica do professor-professor, é preciso avaliar a adequação do que foi feito, com que intenção e em que circunstâncias. É preciso deixar (re)nascer o educador-professor.

Considerando vários desses problemas estruturais graves, o professor E. Gianetti (FEA-USP) constata que na Alemanha, país com PIB três vezes superior ao nosso, há apenas 13 milhões de jovens com menos de 15 anos que necessitam de ajuda básica em educação e saúde, contra 54 milhões, aqui no Brasil. Ainda que a pobreza, no Brasil, incida de forma muito mais severa sobre essa população jovem - nos 28% de domicílios mais pobres da nação se concentram nada menos que 45% de todas as crianças brasileiras com menos de 14 anos de idade. Conclui o professor que a idéia de ensino superior "público e gratuito", como já alertava Karl Marx ao criticar propostas análogas em seu tempo, na realidade, significa tão-somente que as classes altas pagam suas despesas de educação às custas do fundo dos impostos gerais.

Para piorar esta situação estabelecida - em que jovens mais ricos, estudando em escolas melhor aparelhadas e com professores melhor preparados, têm muito mais chance de sucesso que os jovens mais pobres -, dados de 1996, do Ministério da Educação (não se crê que a realidade tenha mudado muito desde então), avaliam que cada aluno matriculado em uma universidade federal - 1% da população escolar na rede pública, compondo um total de 400.000 alunos - receba hoje em torno de 18,2% de todos os recursos públicos alocados para a área da educação, em todos os níveis. Paradoxalmente, são jovens de família de menor renda que acabam freqüentando e pagando as

⁴ *Praxis* entendida como a maneira cotidiana de o Homem como Ser que *está* no Mundo.

escolas privadas de nível superior, em que estão matriculados cerca de 60% dos universitários brasileiros. Ora, as teorias de Marx para uma sociedade mais igualitária estão mesmo submetidas à vontade neoliberal, centrada em um keinesianismo adaptado ao momento histórico atual, em que o que conta é o sucesso e lucro dos que conquistam os cobiçados primeiros lugares de tudo.

Nesse atual contexto, inovador é um trabalho socioeducacional com *pessoas reais* integradas a processos de aprendizagem centrados no seu papel social (conscientização). Inovador, basicamente, é um processo eficaz e eficiente estabelecido em fases produtivas de aquisição de saber e aprimoramento do senso crítico. Nesse viés, devem-se considerar regras importantes para reavaliar a composição de estruturas sociais essenciais (família, escola, trabalho), construindo em cada caso concreto o conceito de "máximo de consciência possível" (GOLDMAN, 1972). Uma dessas regras se fundamenta na hipótese inicial de que todos os fatos humanos constituem o que o autor chama de "processos de estruturação significativa", buscando equilíbrios provisórios e dinâmicos. Provisórios, porque adaptáveis às novas exigências de um convívio social renovado; dinâmico, porque baseado na percepção dessas exigências como condição essencial para uma renovação amistosa e inteligente.

A leitura literária, leitura produtiva: uma proposta

Ler com eficiência um texto literário é, voluntariamente, afastar-se do mundo externo a este texto, desaparecendo-se das exigências, horários, sinalizações, apelos do dia-a-dia. E mesmo se afastar das pessoas queridas e de seus desejos, necessidades, projetos de vida. Ler é, solitariamente, estabelecer

passeios de volta ao desconhecido, imposto por essas avalanches comunicacionais diárias, derramando, sem parar, informação pela TV, pela internet, pelas bocas, pelos perfumes, cartazes, filmes, revistas, jornais. Ler literatura é, apreendendo todos esses mundos de falas, cores, imagens e olhares, perceber a necessidade de uma opção - voluntária, solitária - em assumir o sofrimento prazeroso de querer saber mais, de ampliar o sentido de prazer, de beleza artística.

Paradoxal em si, tal ato de leitura mescla prazer e dor; noção de quem se é e noção do que o mundo deveria ser, e não é. Paradoxal e dialética, a leitura de uma dada "realidade literária" se traveste em utopia e o leitor, entre temeroso e ousado, segue em seus passeios pelos caminhos oblíquos da poesia, do romance, do conto, caminhos construídos na leitura da técnica, da forma, enfim, do mistério indescritível da descoberta. Ler literatura é se assumir como pessoa-leitor renovada pela própria condição de querer saber mais, tendo prazer nisso.

Ao compor suas seis conferências com o poético título de **Seis passeios pelo bosque da ficção**, Eco (1996) avalia, dentre outros elementos textual-narrativos, o que ele chama de a figura do "leitor-modelo", para quem, virtualmente, todo autor escreveria. Leitor que assume posição essencial como figura de compreensão textual - leitor-análise -, determinada como a "terceira via"⁵, para os teóricos da Estética da Recepção. Leitor que, com a "morte do texto", pelo viés pós-estruturalista de Roland Barthes, é empossado como mais um dos personagens dos textos - o leitor-personagem. Sem abdicar de todas essas teorias, valorosas ao seu momento, mas conscientemente ou não tendenciosas, é importante,

⁵ Ao longo da história das teorias críticas literárias, a primeira seria composta por análises centradas no autor; a segunda, nos textos.

como fundamento de análise, considerar-se a reconstrução do *leitor-real* - leitor de literatura que lê o mundo (e toda sua confusão econômico-cibernética) pela obra escrita.

Assim, leitor-real que se manifesta como resultado das leituras de mundo resultantes da percepção de que as informações estão, mesmo, articuladas em determinados níveis de compreensão. Essas *leituras* de variados "textos" (imagens, símbolos, produção escrita, sons etc.) representam a articulação do tecido de informações para quem, cansado de tanta mesmice acadêmica e midiática, deseja se conhecer na medida em que faz a revelação do mundo que o rodeia. O que interessa na reconstrução deste leitor-real é o desnudamento da utopia de uma idealização de condicional teórico-futurista: se as pessoas fossem melhores, o mundo seria melhor...

Tal desnudamento é construído na opção pelo fato de que não adianta mais, dada toda a atual conjuntura sociopolítica brasileira - subemergente conjuntura globalizada -, propor, impondo, metodologias mirabolantes de leitura. Com tais metodologias, supor ser possível que leitores desavisados das dificuldades e necessidades de uma "leitura produtiva" possam ser leitores eficientes, por exemplo, de obras literárias. Por tais obras, imaginar que é possível qualquer tipo de análise, minimamente reveladora de dados novos, sem a devida articulação ao que há de informação hoje em dia, por exemplo, comunicada via *on-line* pelos portais e *sites* de toda uma teia informacional tratando de tudo sobre tudo. Uma questão: como acreditar em *leituras de mundo* que fossem interessantes e atuais, sobretudo as literárias, com professores desmotivados, despreparados, como que entronados em suas cadeiras por duas, quatro horas, falando do que não entendem, do que não conhecem?

Professores desmotivados porque submetidos

à doída realidade de uma situação diária que os torna meros funcionários público-privados pulando - "a necessidade faz o sapo pular" (DIMENSTEIN e ALVES, 2003) - de escola em escola (faculdade em faculdade, universidade em universidade) a fim de garantir um salário mensal compatível com seus anos de estudo e, quando é o caso, produção científica. Despreparados porque, em nome dessa correria, flagelam sua intelectualidade e senso estético e assumem, inadvertidamente, a posição de derrotados. E olham, abismados, a toda poderosa sociedade pós-cibernética⁶, *avant-guard*, mercantilista, pragmática, envolvente, cativante, elitista. Sociedade de semestrais desfiles *fashion* em hipermansões de arquiteturas acintosas; sociedade globalizadora dos lucros, entre poucos, e discriminadora nas perdas, diluídas na contas da população.

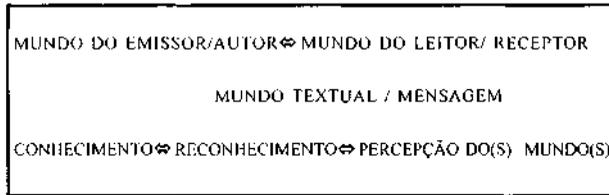
Dando asas anti-acadêmicas a um teimoso quê metafórico, o leitor-real, como filho natimorto, jaz à beira de um imenso barco à deriva. Navegando ao rumo de mares de ocasião *www* em que se vende de auto-ajuda a bulas para montagem de bombas caseiras, este barco foi reconstruído na vã tentativa idealizante de que para se lerem textos literários bastam um bom livro e um bom "orientador". Dentro deste ideal-pai, foram gerados os filhos-metodologias: os alunos devem ler o que bem entenderem; leituras programadas para se cobrarem, depois, as tais fichas de leitura; a utilidade de ler obras canônicas pelos livros-resumo à disposição em qualquer boa banca de revistas; na universidade, obriguem-se os alunos (adultos agora) a ler todos os livros que a escola exige e que não foram devidamente lidos. Natimorto, o leitor-real afunda junto com o barco,

⁶ A expressão "cibernética" foi usada já em 1943, em artigo escrito por Arturo Rosenblueth, Norbert Wiener e Julian Bigelow. In: Caderno mais!, "Mentes que brilham". *Folha de São Paulo*, ed. 2 de setembro de 2001.

sobrepesado com tanta bagagem de exigências, mas muitas delas desnecessárias nesta viagem de leitura, de prazer, de descobrimento. Uma outra questão: por que ler Machado de Assis, ou Plínio Cabral⁷, sem o leitor estar percebendo o objetivo real de tal leitura?

Ensino, informação e leitura (de literatura) são três dos componentes básicos para qualquer intenção de aquisição de novas mensagens, novas linguagens, novas percepções de mundo e de pessoa. São três deles e não se deve omitir ao leitor, seja em que situação for, que o fundamental é sua própria noção de convívio social e alegria pessoal de perceber a possibilidade de se *reconhecer* por meio do texto literário. *Reconhecimento* que se dá, também, pela leitura feita, por meio dos níveis de informação pertinente a que ele está tendo acesso, por meio de um ensino ágil, crítico e integrado às exigências desta pós-modernidade brasileira, com todas as suas variantes, falhas, desníveis, interesses políticos.

Observe-se que o esquema abaixo busca representar a relação do que aqui se estabelece como articulação ensino óliteratura óinformação:



No sentido de avaliar a reconstrução possível de um leitor-real, é importante perceber que a harmoniosa relação de determinados elementos se faz necessária para que um dado processo de leitura

Vencedor do concurso de literatura de 2003, que paga o maior prêmio do Brasil, no valor de R\$ 100.000,00, promovido pela Universidade do Vale dos Sinos, com o livro *O riso da agonia*.

literária (aquisição de informações subjetivas e objetivas) possa ser eficaz e eficiente. Para tanto, devem ser considerados elementos como os que são apresentados a seguir:

AUTOR (momento histórico) → OBRA
(produto) → LEITOR (momento histórico)

NÍVEL 1 + NÍVEL 2 = RECEPÇÃO
CONSCIENTEMENTE PRODUTIVA

NÍVEL 1 ↔ NÍVEL 2

⇔ LEITOR INSERIDO EM UM CONTEXTO
SOCIOHISTÓRICO

⇔ PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

↓

LEITURA MAIS PRODUTIVA

↓

INFORMAÇÃO ↔ LEITOR ↔ SER SOCIAL

TEXTO ↔ LEITOR ↔ EXPERIÊNCIAS VIDA-MUNDO
(koch, 1989)

⇓

RECEPÇÃO (Jauss, 1967) - o leitor como a "3" via"

⇓

fatores lingüísticos + conhecimento de mundo +
fatores pragmáticos/ interacionais

— Teses propostas para uma leitura literária eficiente

ANÁLISES SUPERFICIAIS E POUCA TROCA

DE INFORMAÇÃO: UM (DES)PROCESSO
(professor ↔ aluno / leitura ↔ leitor)

+

LEITURAS PRODUTIVAS ↔ PROCESSO CONSCIENTIZADOR
(leitor ó indivíduo social) (Zilberman, 1988)

↓

HIPÓTESE GERAL PARA UMA LEITURA
(PRODUTIVA) DE TEXTOS/
↓ ↓ ↓

LER BEM (gera uma) CONDIÇÃO (eficaz) DE
CONSCIÊNCIA (de mundo / vida)

PLANO DE CONSCIENTIZAÇÃO: LER A PALAVRA
CARREGADA DE EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS

(sincrônicas / diacrônicas)

(Kleiman, 1997)

Pressuposto (Nível 1):

⇒ A importância de um conhecimento de mundo compartilhado (experiências mundo-vida) + leituras em que a recepção é fruto de um processo conscientizador (da função social e estética do leitor) promove aquisição de informação real.

Pressupostos (Nível 2):

⇒ O Sujeito aleatoriamente alfabetizado (sempre com uma intenção ideológica) mais vê; *pouco lê* uma dada mensagem escrita, *percebendo* as informações textuais explícitas e implícitas.

⇒ O Sujeito-leitor inconsciente do *processo de leitura* (do qual ele próprio faz parte, enquanto agente) não lê propriamente, *pensando que lê bem*, ou nem pensa nesse processo como aquisição real de informações.

⇒ O Sujeito-leitor consciente *vê muito melhor* aquilo que *não precisa* ser lido; classifica, seleciona crítica e rapidamente as informações e, aprofundando-as, *lê a essência* do texto literário, ou melhor, *lê também* sua essência. Enfim, *lê bem* (de maneira criativa e

produtiva).

O que se propõe como base de verificação da efetiva reorganização de elementos como literatura, ensino e informação é o conjunto de linhas e práticas que cumpram o objetivo de valorizar a figura do leitor-real. Este objetivo deve servir de suporte a estudos direcionados, análises comparativas e exercícios aplicados para alunos e mesmo não-alunos que trabalhem com leitura literária e mesmo produção de textos. Tal trabalho, é importante frisar, deve levar em conta questões como aquisição de informações, percepção e conscientização do leitor/escritor como indivíduo integrado ao momento histórico no qual seu grupo (familiar, escolar, social) se encontra inserido por questões políticas, econômicas, religiosas, educacionais e ainda outras tantas que, juntas e devidamente articuladas, promovem a noção atual de convívio em sociedade.

Considerados estes fatores de base - sociedade, leituras prévias e articuladas de textos literários e conscientização sociohistórica -, os textos propostos por professores deveriam servir, primordialmente, de parâmetros para determinados objetivos de leitura. Tais objetivos têm relação com a análise da inserção do indivíduo e da universidade (da escola em todos seus níveis) em uma sociedade, neoliberal e pós-moderna, avaliando qual o novo papel desta instituição transformadora de conceitos, teorias etc. Tais textos precisam, ainda, servir de "objeto produzido" em uma dada estrutura lingüística - construída sobre regras e formas gramaticais e estilos discursivos (científicos, dissertativos, literários etc.) - que, em tese, deve ser respeitada a bem da preservação das características de instrumento de Língua que precisa ser adaptada, constantemente, sem perder sua estrutura básica de comunicabilidade.

Todavia, e sobretudo na universidade, a

decisão final do caminho a seguir, e por quê, acaba sendo de cada um. Afora os apelos desta ou daquela teoria, tendência, é uma decisão absolutamente particular e dependente do próprio conceito de *visão de mundo real* do leitor. Sem considerar mágicas, truques, peripécias metodológicas para "ensinar" a ler o que já se lê, mal, mas já se lê, deve-se inovar. Inovar no estrito sentido de "ampliar" os elementos a ser considerados na leitura que se faz de textos literários.

Se não se tira de onde não se tem, deve-se oferecer elementos de informação para que, de posse deles, o que se propõe aqui como leitor-real possa se "redimensionar" frente às suas necessidades educacionais, a leituras de obras literárias; frente, enfim, a seus objetivos reais de vida. Nesse sentido, avalia T. Eagleton (1993) que todas as práticas humanas, desde tomar de assalto a Bastilha a escovar os dentes, funcionariam por exclusão, negação e repressão. No entanto, seria importante tentar evitar excluir coisas erradas e reprimir pessoas erradas, reativando um processo de comunicação efetiva de informações, via leitor, via leitura, via conhecimento.

Considere-se, ainda, que toda forma de linguagem literária expressa uma informação artística que, devidamente apreendida e avaliada, pode se prestar a ser fator de aprimoramento intelectual e mesmo de convivência social. O contexto sócio-cultural é o meio em que a mensagem do autor se transforma e sua linguagem, "mostrando-se" à pessoa, revela sua faceta de comunicação, beleza, poder e a leitura produzida em condições determinadas, ou seja, em um momento histórico que deve ser levado em conta (ÜRLANDI, 1989). Partindo desse fato, as teses aqui desenvolvidas consideram um leitor que deve, sobremaneira, procurar integrar à leitura feita sua

própria experiência mundo-vida como condição fundamental. Acredita-se, assim, que entre atos de conhecimento (processo literário) e coisa produzida (produto artístico) se estabelece a linguagem - o exercício de ler literatura.

O que se propõe como leitura literária eficaz (e produtiva) é "ler" o mundo em uma obra escrita e para essa "leitura produtiva" é fundamental avaliar a obra escrita como linguagem mostrando o mundo, porque o revela, na medida em que o leitor se percebe refletido nela. Tem-se, enfim, como uma das conseqüências desse processo comunicativo, um leitor que "lê melhor", porque "lê mais", apreendendo mais consciente e prazerosamente as informações subjetivas e objetivas, pelo fato de ter aprimorado sua leitura. Robert H. Jauss, dentre outros, na base teórica da Teoria da Recepção, trata dessa questão primordial, aprimorada pelo sentido de "leitor implícito" desenvolvido por W. Iser.

Nesse sentido, os exemplos podem sugerir uma leitura de quem se dispõe a perceber os textos como produto gerado pela confluência de situações, diria, ético-estéticas - leitura de mundo de leitor-real (1) - e de quem percebe os textos como mera obrigação de ter que ler alguma coisa para cumprir um objetivo alheio a seus interesses (2):

➤ Os militares e suas manias. A polícia sobe. Desce. Agora o exército no perigoso exercício diário: subir morros.

Interpretações possíveis:

- . Os soldados do exército estão praticando exercícios físicos que, por despreparo, são perigosos a eles. (2)
- . O exército está tomando o lugar da polícia na função de preservar a segurança das cidades com favelas em seus morros. (1)

☉ SERENATA SINTÉTICA

Lua morta.

Rua torta.

Tua porta. C. Ricardo

Interpretações possíveis:

. O poeta preocupou-se somente em escrever um poema curto e estranho, rimando as palavras dos versos.

. O poeta, andando pela noite escura, solitário e sem direção - representada pela disposição das palavras no poema -, busca a casa de sua amada.

A leitura do computador como ferramenta de suporte educacional ao ensino de literatura

Integrada a uma questão ética - considerem-se mudanças e adaptações em qualquer campo de atuação, sobretudo no educacional -, é impossível não se levar em conta a importância estratégica do uso do computador como ferramenta poderosa no auxílio das atividades pedagógicas em qualquer nível. Quanto a esse uso, já há trabalhos importantes de vários autores avaliando que o computador, na sala de aula, na verdade, não resolve nada mas pode ser "ferramenta ativa" no auxílio da aquisição e interpretação desse universo atual de informações. P. ex., Davis e Botkin (1996) revelam as armadilhas da revolução da aprendizagem e a existência do que eles chamam de dinossauros nas empresas e instituições de ensino que não se adaptaram à nova realidade; Alvin e Toffler (1998) avaliam que uma educação que prepare crianças e jovens para o século XXI deve articular, criativa e eficazmente, esses cinco elementos: a informática, a mídia, a comunidade, os pais e os professores.

Deve-se perceber que, para haver progresso no sentido de uma sociedade mais justa, social e

economicamente, nesse novo século que já se apresenta à universidade, é necessário desaprender antes de aprender mais - na busca de seleção crítica das informações que devem ser aproveitadas, sobretudo as literárias -, em determinadas circunstâncias de ensino, de estudo, de avaliações, de pesquisas etc. Frente às novas exigências de aprendizagem e aquisição dessas informações oferecidas, seria mais lógico e produtivo o caminho ramo à sabedoria de novas metodologias. Com essa percepção, criticamente seletiva, a pessoa tenderia a entender de maneira ampla, e atualizada, o conceito sócio-histórico embutido em expressões como

informação / conhecimento / arte, aprendizagem e, enfim, educação.

As novas possibilidades para uso do computador na educação, como instrumento facilitador da aquisição de informações, apontam para uma nova direção: o uso da tecnologia de um objeto, mais e mais disponível, não como "máquina de ensinar a ler literatura" mas como nova mídia educacional. O computador passa a ser, nesse novo contexto, ferramenta educacional para aperfeiçoamento técnico e mesmo humano de seu usuário (leitor-real) e que, na composição do processo de aprendizagem, auxilia no aumento da qualidade de ensino e nele, da leitura realizada.

Todavia, há problemas para essa implementação, quando se sabe, por exemplo, que os E.U.A. - país de ponta neste *boom* tecnológico - têm 80 milhões de computadores, metade em residências particulares, ainda sendo "mal" usados. Pesquisa recente do U.S. Department of Education, avalia que 84% dos professores (e um número considerável deles são pais), só consideram absolutamente essencial um tipo de tecnologia da informação: uma fotocopiadora com suprimento adequado de papel.

Outro problema, que afeta professores de qualquer nível escolar, sobretudo o universitário, que se propõem a trabalhar com o computador, como instrumento de ensino-leitura, diz respeito aos programas. A maioria dos que estão disponíveis, desprovidos de técnicas pedagógicas, não requer nenhuma ação por parte do aprendiz, a não ser, basicamente, ler um texto para preencher fichas de leitura, responder a perguntas de análise textual de múltipla escolha ou desenvolver pesquisas já pré-estruturadas em cds-rom adquiridos de fontes duvidosas.

Essa relação usuário-máquina, fazendo do computador um objeto com poucas possibilidades de uso, perpetua uma metodologia de ensino-leitura que há muito já perdeu o sentido, mas que se apresenta, agora, em tipo de versão computacional. As universidades, assim, precisam assumir com ousadia esta função de se integrar mais efetivamente a uma cadeia global de informação composta por 160 milhões de pessoas (a Internet interliga essas pessoas todas) que têm, a sua disposição, em torno de 140.000 páginas de informação criadas todos os dias.

Davis e Botkin (1996) avaliam que o valor da educação da pessoa será medido por sua capacidade individual de articular, de maneira proporcional, os dados e os conhecimentos contidos nessa onda informacional - educação do futuro. Nessa onda se vai, cada vez mais, tentar superar os limites do conhecimento com o objetivo de se chegar à sabedoria. Para tanto, é necessário que se criem condições para essa pessoa - usuário / leitor-real - fazer a transição entre "simulação" literária e "fenômeno" no mundo real. Esta transição não ocorre automaticamente e, portanto, deve ser trabalhada como conjunto bem articulado de meios e capacidades individuais voltados para processos de aquisição da linguagem de

computação que, necessariamente, precisa ser a menos problemática possível. (PALLOFF, R.M. e PRATT, K., 2002)

É fundamental que tal linguagem seja um veículo para expressão de idéias e não o objeto final de estudo, ou de leituras - este, aliás, geralmente é o tema central dos cursos de Processamento de Dados e Computação e de alguns cursos de Letras, que dispõem dessa ferramenta.

O fato é que o uso do computador - como ferramenta auxiliar da leitura - em sua fase inicial, tinha a intenção, mal direcionada e aproveitada, de imitar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Com a ampliação e melhoria técnica deste uso, outras modalidades de utilização da linguagem do computador, em todas as suas possibilidades de aplicação e contato com outros meios de comunicação, foram se desenvolvendo⁸. Mesmo em tal situação o professor continua, como sempre, adaptado ou não a essa nova realidade informacional, cumprindo a função básica de coordenar as atividades de aprendizagem. O próprio Bill Gates (*A estrada do futuro*, 1999), presidente da Microsoft e o homem mais rico do mundo⁹, considera que as turmas mais bem sucedidas são aquelas em que o instrutor se faz mais presente.

Essencial, nesse novo contexto, é que a universidade "perceba" a pessoa-leitor real com deficiências e qualidades, com falhas e tentativas de acertos. Pessoa-leitor real que vá se readaptando a novos processos educacional-informacionais, sobretudo, de conscientização de sua função dentro da sociedade em que está inserida. Essencial, também, é um trabalho socioeducacional em que a leitura literária tende a conscientizar ético-esteticamente, por meio da arte, *pessoas reais* integradas a um processo de aprendizagem centrado no papel social de cada um. Basicamente, um processo eficaz e eficiente sendo

estabelecido em fases produtivas de aquisição de saber e aprimoramento do senso crítico.

Uma das regras mais importantes para reavaliar a composição de estruturas sociais essenciais (família, escola, trabalho) reside na reconstrução, em cada caso concreto, de um conceito de máxima conscientização possível. Tal conceito se fundamenta na hipótese inicial de que todos os fatos humanos são constituídos por tipos de processos significativos de conhecimento-informação que buscam equilíbrios provisórios e dinâmicos. Provisórios, porque adaptáveis às novas exigências de um convívio social renovado; dinâmicos, porque baseados na percepção dessas exigências como condição essencial para uma renovação amistosa e inteligente.

Assim, decretar o "fim" de leitores de literatura (ZILBERMAN, 2001) ou sua marginalização, em função de um mundo marcadamente utilitário e imediatista é, no mínimo, assumir a própria incompetência frente aos desafios da época atual. Época de signos divergentes caracterizados pela mesmice centrada no excentrismo de alguns poucos autores de sucesso de mídia, antes de sucesso literário.

Esquema proposto para o processo de uma leitura literária produtiva, prático à vida do leitor

PROCESSO DE LEITURA

- A → mundo do autor
- B → mundo do leitor
- C → mundo da mensagem escrita (conot/denot)
- D → mundo histórico (factual, real, causal)



APRENDIZAGEM + PRÁTICA =

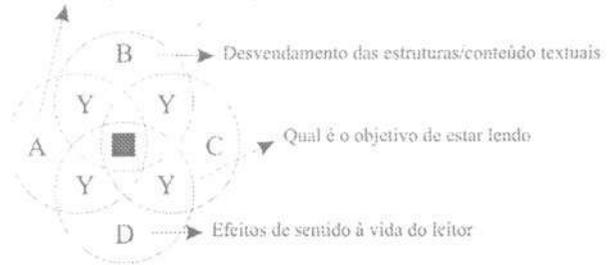
APRIMORAMENTO (conscientização)



LEITURA → Linguagem que traduz as mensagens (C)
em informações sociohistóricas (D)

→ núcleo de revelação / interpretação /

Consequência de leituras prévias e causa de leituras posteriores



entendimento

(compreensão da mensagem veiculada pelo texto)
quanto > o núcleo, melhor a apreensão da leitura feita

Y → e áreas comuns delimitadas pelas especificidades de cada "mundo" (época, práxis, interesses, intenções, projetos)

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 27. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ALVIN e TOFLER, caderno "Mais!", **Folha de São Paulo**, 8 de março de 1998.

DAVIS, Stan e BOKTIN, Jim. **O monstro embaixo da cama**. São Paulo: Futura, 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIMENSTEIN, Gilberto e ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- RIBEIRO, Renato. "Mais 10 mandamentos - otimistas e depressivos têm a mesma visão equivocada da ética", **Folha de São Paulo**, 14.02.1993.
- GOLDMAN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna** - para uma sociologia da totalidade. Trad. João Assis Gomes e Margarida Sabino Morgado. Lisboa: Presença, 1972.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: EdUNICAMP, 1989.
- PALLOFF, R.M. e PRATT, K. **Building learning communities in cyberspace** - effective strategies for the classroom. San Francisco: Jossy-Bass Publishers, 2002.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SHOPENHAUER, F. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- THEAGES, G. **The pythagorean soucebook and library**. Phan press, 1987.
- VALENTE, J. A. e VALENTE, A. B. *Logo: conceitos, aplicações e projetos*. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.